

## III

O meu parecer sôbre o níquel de 20 reais sem data:



Evidentemente é um ensaio monetário, visto não ter havido cunhagem dessa moeda para circulação.

Pode-se afirmar ser o único exemplar conhecido no meio numismático, mas não o único cunhado, porque geralmente o desenhista, o gravador, o chefe da cunhagem e o director da casa da moeda, etc., ficam sempre com um exemplar e às vezes mais; mormente tratando-se de moeda cujo metal carece de valor.

Quando porém o ensaio é de moeda ouro, êles tiram para si provas de cunho em cobre e às vezes em prata, como tenho sobejas

Os ensaios monetários, cuja cunhagem é sempre limitada, tornam-se *altas raridades*, e elevam por muito o valor das colecções que os possuem.

Tendo sido o reinado de D. Luís o mais fértil em ensaios monetários, é lícito attribuí-lo a êle; tanto mais que a gravura tem traços bem característicos dessa época.

Rio de Janeiro, 10 de Abril de 1922.

SOUSA LÔBO.

### Figuras de bronze antigas do Museu Etnologico Português

Possue o Museu Etnologico várias figuras de bronze antigas, como se disse na *Historia* do mesmo, pp. 194-195. Aqui as vou enumerar. De umas darei descrição um tanto circunstanciada; quanto a outras, ás já publicadas, contentar-me-hei com breve indicação bibliografica.

1. *Fortuna alata*: vid. *Religiões da Lusitania*, III, 307.
2. *Fortuna*, achada na Lameirancha: *Religiões*, III, fig. 141.

3. *Atlante caneforo*: *Religiões*, III, 495; e *O Arch. Port.*, XXIV, 271.
4. *Carranca fontanaria*: *O Arch. Port.*, II, 319 (artigo de Alves Pereira), e *Religiões*, III, 247.
5. *Quadrupede*, achado no Cabo de S. Vicente: *Religiões*, II, est. v.
6. Outro: *ibidem*, II, est. vi.
7. *Cabrinha*, achada no Redondo: *O Arch. Port.*, I, 296; e *Religiões*, II, 283.
8. *Cabrinha*, achada em Almodovar: *O Arch. Port.*, I, 297; e *Religiões*, II, 284, nota 1.
9. *Signum pantheum*: *Religiões*, III, 353.



Fig. 1

10. *Toirinho*, vindo da Biblioteca Nacional em 1918 para o Museu: *Religiões*, II, 285.
11. *Haste de bronze* terminada em cabeça de javali (acaso pertença d'um carro): vid. o meu livro *De Campolide a Melrose*, p. 46, fig. 38.
12. *Lucerna*, em cujo anverso se representa uma cara de homem: *Historia do Museu Etnologico*, pp. 368-369.
13. *Mercurio*, achado no Monte-Molião: *Religiões*, III, 276.
14. *Armela de situla* com carranca humana, achada em Carquere: *O Arch. Port.*, xv, 326.
15. Outra, achada ao pé da Ròliça: *O Arch. Port.*, XIX, 88.
16. Outra, achada no aro de Estremoz: *O Arch. Port.*, XXI, 151 (artigo de Luis Chaves).
17. Outra, achada ao pé de Tomar: *O Arch. Port.*, XXI, 231.

#### 18. — Vaso lusitano-romano

A figura 1 (fotografia do D.<sup>o</sup> Joaquim Fontes) representa um vaso de bronze, especie de *olla* muito aberta, das seguintes dimensões: altura 0<sup>m</sup>,23; diametro na bôca 0<sup>m</sup>,27 a 0<sup>m</sup>,285; diametro no fundo, por fóra, 0<sup>m</sup>,13; largura do bôrdo ou aba 0,03. Apareceu na mina de Aljustrel, antigo *metallum Vipascense* — propriamente na mina

dos «Algares», — a 80 metros de profundidade, onde tambem appareceram as célebres *tabulas*. Foi oferecido ao Museu pelo Sr. D.<sup>o</sup> Francisco da Silveira Viana.

O vaso é de fôrma simples, e está um pouco amachucado, e roto em duas partes.

#### 19.—Asa de «situla» completa

*Situla*, em latim, tinha, entre outras significações, a de «caldeirão, balde ou vaso de tirar agua» (B. Pereira, *Prosodia*): junto da borda do bôjo, em duas extremidades opostas, fixava-se uma armela com uma argola, onde se enfiava a asa ou «aro», que era curva ou movel.

N-*O Arch. Port.*, xv, 326, lamentei que em Portugal não houvesse apparecido até então, que me lembrasse, nenhuma *situla* com-

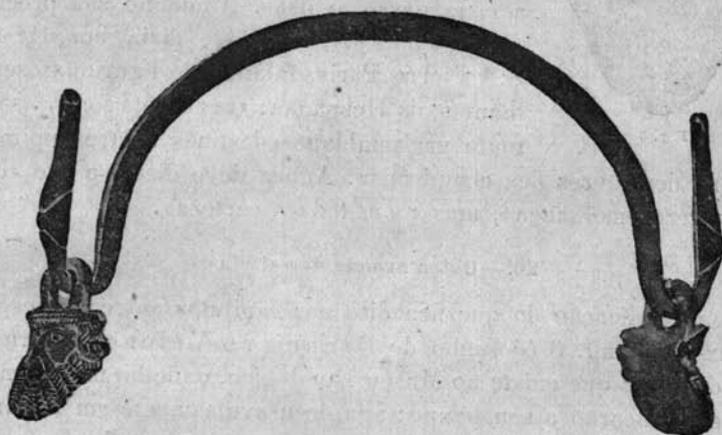


Fig. 2

pleta, e apenas algumas armelas de bronze antropomorficas, achadas sôltas, como as que se publicaram n-*O Arch. Port.*, v, 281 (artigo meu), xix, 88 (idem), xxi, 150 (artigo de Luis Chaves), xxi, 231 (artigo meu), etc. Na fig. 2 (desenho de Saavedra Machado) publica-se, não ainda uma *situla*, mas alguma cousa mais do que o que d'antes a este respeito se conhecia, isto é, uma asa, ou aro de bronze enfiado em duas armelas do mesmo metal. Agora só falta achar-se um bôjo!

As extremidades do aro terminam á maneira de cabeça de pato estilizada: cada uma das armelas vem pois como que a pendurar-se no colo da ave, o qual porém ficava em posição invertida.

As armelas constam de duas partes: uma argola de suspensão, em cima, e uma fronte humana, de aspecto barbaro, em baixo, com

a qual aquela se continúa. A cara apresenta bigode, e além disso está barbada; na testa o cabelo dispõe-se em tres faixas, ou diadema triplo, como tambem vimos n-*O Arch. Port.*, xv, 326. Tanto a barba como o cabelo estão estilizadamente frisados ou calamistrados; os ornatos feitos pelo *calamister* assemelham-se a ramos.



Fig. 3

Este curioso objecto, que appareceu na Santa Menina (Fundão), e me foi oferecido para o Museu Etnologico pelo S.<sup>or</sup> José Trigueiros Osorio de Aragão Martel, confirma absolutamente o uso que costuma attribuir-se ás figurinhas d'esta especie que se encontram a cada passo avulsas. Ainda no seu precioso *Essai sur l'art*, II, 239, dizia em 1904 o S.<sup>or</sup> Pierre Paris, falando de figurinhas semelhantes, da Hespanha: «ces objets sont . . . selon toute vraisemblance destinés à être appliqués au bord des lèvres des chaudrons». Agora deve dizer-se não «com toda a verosmelhança», mas «com toda a certeza».

#### 20.—Outra armela de «situla»

Como applicação do que fica dito nos capitulos antecedentes, reproduz-se na fig. 3 (desenho de Francisco Valença) outra armela de *situla* que existe no Museu Etnologico, onde ha muitas mais, que se publicarão a seu tempo: appareceu avulsamente em Escarigo (Fundão), está um pouco apagada, e tem aberta a argola por causa do atrito do aro, que falta.

Esta armela pertence, como se vê, á mesma região a que pertence o aro representado na fig. 2.

#### 21.—Batente de bronze

O objecto reproduzido nas figs. 4 (conjunto) e 5 (chapa inferior) faz parte de uma colecção archeologica oferecida em 1897 ao Museu Etnologico pelo illustre Visconde de Coruche, hoje falecido. Parte da colecção está já descrita n-*O Arch. Port.*, v, 104-105.

Este objecto appareceu, com os restantes, na Quinta Grande, que fica nas margens do Sorraia, a 2 ou 3 quilometros da Vila de Coruche (*O Arch. Port.*, III, 65): representa uma chapa rectangular, levemente encurvada, de 0<sup>m</sup>,151 de comprido, e 0<sup>m</sup>,61 de largo, á qual adere, na superficie concava, ao centro, outra menor, do mesmo feitio,

na qual pousa um gamo, rudemente fundido, que tem o pescoço e cabeça voltados de todo para trás, e a lingua de fóra, puxada para a direita. A parte inferior, ou convexa, da chapa maior foi inteiramente picada de orificios pequeninos (fig. 5); num dos bordos mais estreitos há

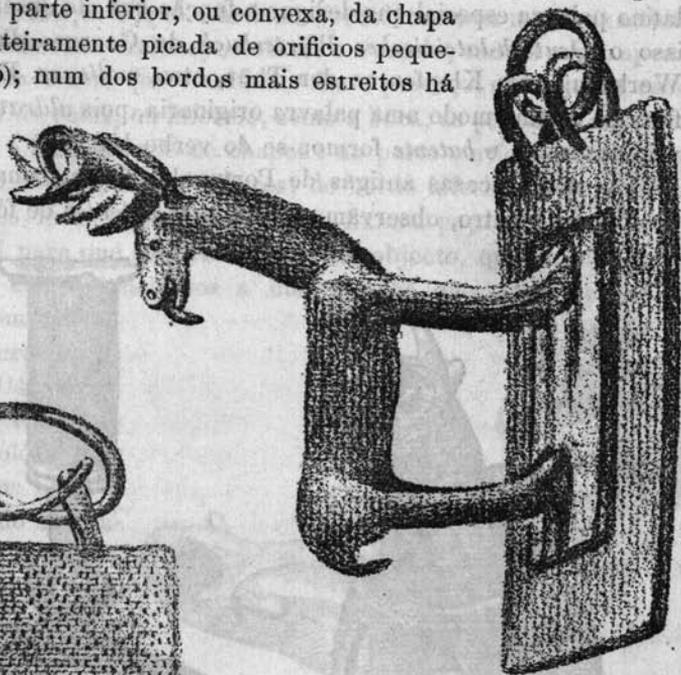


Fig. 4

duas argolas fixas, pelas quais passa um fio grosso, tambem de bronze, que se dobra, e constitue uma argola móvel.

Temos aqui sem dúvida uma especie de *aldrava*, «peça ordinariamente de ferro ou bronze de varios feitios, a qual se prega nas portas, para bater...», como a define o *Diccionario* da nossa Academia. A attribuição que dou á peça confirma-se, por outro lado, com o estar puída das pancadas a superficie convexa, que era a que batia na porta.

Em vez de *aldrava*, que possui várias significações, tambem dizemos *batente* neste sentido<sup>1</sup>.

Com quanto o objecto eu o julgue da epoca romana, como roma-

<sup>1</sup> A *aldrava* creio se liga sempre a idea de argola. O batente tem outra forma (vid. adiante).

nos julguei os instrumentos de ferro descritos, segundo disse n-*O Archeologo Português*, e encontrados ao pé, não sei que haja no lexico latino palavra especial que designe a função que ele desempenha. Por isso o *Deutsch-lateinisches Wörterbuch* de Georges diz: «Klopfer, Werkzeug zum Klopfen an der Thür, etwa *malleus*». Em português falta do mesmo modo uma palavra originaria, pois *aldrava* ou *aldraba* veio do arabe, e *batente* formou-se do verbo *bater*.

Em muitas casas antigas de Portugal, sobretudo nas provincias do Norte e Centro, observam-se por vezes *batentes* de fôrma de qua-



Fig. 6

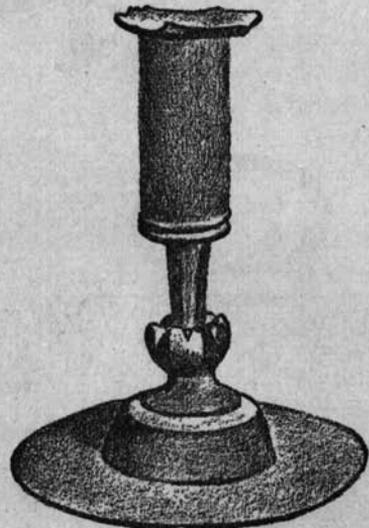


Fig. 7

drupede, a que o de que estou falando serve de protótipo. Outros batentes são piriformes, como cousa que pende encostada á porta. Ha-os tambem, modernos, que reproduzem a mão humana, por ser com ela que mais naturalmente se bate, e se querer assim imitá-la ou substituí-la de modo gracioso<sup>1</sup>.

## 22. — Toiro de bronze de Safára

Na fig. 6 (quási de tamanho natural)<sup>2</sup> vemos um toiro de bronze, sentado, na sua posição ordinaria, numa base fig. 7, com a qual fôrma uma só peça.

<sup>1</sup> Não importa falar aqui de todas as especies de aldravas que existem entre nós.

<sup>2</sup> Desenho de Saavedra Machado.

O toiro tem a bôca aberta, descortinando-se no fundo uma abertura conica, em que devia fixar-se qualquer cousa que falta, acaso uma lingua postiça. O que o artista representou com maior exactidão foram os galhos, as orelhas, os olhos, e a cauda; tudo o mais, apesar da naturalidade com que o animal volta o pescoço, está apenas esboçado, como os pêlos, ou informe, como a bôca, as pernas, e o tronco.

A base é uma especie de chapêu: na parte vertical da copa fizeram-se sete aberturas triangulares; do bôrdo inferior da aba partem tres especies de lingoetas, que deviam fixar a peça a outra.

Não sei para que serviria o presente objecto, que para o Museu Etnologico comprei ha anos a uma pessoa que me disse que ele apparecera em Safára;

só posso acrescentar que em 1904, depois da compra, vi no Museu Arqueológico de Badajoz um objecto igual, achado avulsamente em Codocera (Albuquerque), isto é, numa região confinante com aquella em que se descobriu o nosso.

Á semelhança da fór-

ma acresce pois a identidade da procedencia de ambos. Devemos notar mais o seguinte. A pessoa que me vendeu o toiro de Safára vendeu-me também o objecto, igualmente de bronze, e de côr analoga (altura 0<sup>m</sup>,155), que vai copiado na fig. 7<sup>1</sup>, e acrescentou que tudo estava junto na ocasião do achado. Poderia o toiro adaptar-se ao objecto, que lhe serviria de sustentaculo, embora a fórma d'este seja de pé de calice?



Fig 8

### 23.—Candelabro de Pavia<sup>2</sup>

O objecto romano representado na fig. 8, trazido para o Museu por um seu ex-funcionario, que o adquiriu na Mata, arredores de Pavia (Alentejo)<sup>3</sup>, tem a fórma de lucerna, mas é, como penso, o de-

<sup>1</sup> Desenho de Francisco Valença.

<sup>2</sup> Desenho de Saavedra Machado.

<sup>3</sup> Vid. o meu livro *De Campolide a Melrose*, p. 32, nota 3.

pósito ou recipiente de um candieiro, variedade de *candelabrum*: de facto, tem ao centro, tanto em cima, como em baixo, um orifício redondo, que devia ser atravessado por um tubo aí fixo, e hoje desaparecido, no qual passava a coluna ou varão do candieiro, para o recipiente subir e descer á vontade, como acontece nos nossos candieiros de azeite, herdeiros dos antigos. Em volta de cada um dos orifícios ha um rebordo pouco saliente.

Alem dos orifícios de que falei, o objecto apresenta outro na parte superior de uma das extremidades, isto é, no *rostrum*, ou bico, tambem á grega chamado *myxus*, donde saía a mecha ou *ellyphnium*, e por onde, na de que estou tratando, se deitava certamente o *oleum* (azeite); a extremidade oposta, correspondente ao «cabo» das lucernas, figura um pescoço e cabeça de cavallo, de farta crina, voltado e curvado para o centro do recipiente. Com o ornato constituido pela cabeça e pescoço do cavallo concorrem na parte superior e principal do recipiente quatro meias-volutas, nascendo duas d'elas na base do *rostrum*, como freqüentemente se vê nas lucernas, e outras duas aos lados, e um pouco abaixo, do orifício central: as curvas das primeiras voltam-se para as das últimas.

O trabalho artístico do conjunto é simples, e na parte correspondente ao cavallo pôde dizer-se grosseiro, pois a crina acha-se muito estilizada, os olhos desalinhados, o focinho um tanto informe, e o cabelo da testa disposto a modo de triangulo escaleno. Apesar d'isso, o presente bronze, que está em optimo estado de conservação, e belamente patinado, vale muito para o Museu Etnologico, que ainda não possuia nenhum igual. Comparem-se-lhe, quanto ao aspecto geral, duas lucernas da mesma substancia, que vêm em Walters, *Greek and Roman Lamps*, Londres (Museu Britanico) 1914, est. VI, n.º 85 e 95; quanto á fórma de candelabro, veja-se Toutain in *Dict. des Antiq.*, s. v. «lucerna», p. 1336, ainda que o do Museu Etnologico difere dos exemplares aí figurados.

J. L. DE V.

---

«He bem verdade, que a antiguidade dos tempos, e a incuria dos homens fez perder muitas memorias, que nos podião servir de muito; e outros as involverão em fabulas, que não nos servem de nada».